



J. Chrys Chrystello\*

O cemitério da Lombinha da Maia é estranho. Já em 2011 o observei conforme dei conta no meu livro “CrónicasAçores: uma circum-navegação vol. 2”, como adiante se transcreve. Hoje, assisti de novo à cena, desta vez um jovem agarrado às grades, do lado de fora, e a falar ao telemóvel... falaria com alguém lá de dentro.. leiam...

#### CONVERSAS DO ALÉM - JULHO 2011

«Há tempos fiquei menente<sup>1</sup> quando me disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel.

O homem sem pitafe<sup>2</sup> algum viera da Amerca<sup>3</sup>, ali da antiga Calafona<sup>4</sup>, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

Qual não foi o meu espanto, num alpardusco<sup>5</sup> de camarça<sup>6</sup>, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho. Não tinha tarelo<sup>7</sup> nenhum. Não querendo ser lambeta<sup>8</sup>, interoguei-me “Estaria a falar com o falecido, que nasceria empelicado<sup>9</sup>?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “Stars and Stripes” à prova de leiva<sup>10</sup> ou continuaria na sua eterna Madorna<sup>11</sup>? Teria acendido um palhito<sup>12</sup> para ver quem lhe ligava?

De que falariam? Que mexéricos trocavam? Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer?

Estariam a queixar-se da sorte caipora<sup>13</sup> dos herdeiros ou a culpá-los pela caltraçada<sup>14</sup> criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de ao pé da porta<sup>15</sup>? Falariam do gado alfeiro<sup>16</sup> sem touro de cobrição?

Talvez dum derriço dum filha numa constante arredouça<sup>17</sup>, às fiúzes<sup>18</sup> do namorado da cidade? Eu ia ficar a nove<sup>19</sup> mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espírituais. Pressuponho ser esse o jaez da conversação. Não

## Conversas do Além

creio que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas.

Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a atramoçar<sup>20</sup>, com uns calzins<sup>21</sup> de abafado<sup>22</sup> até se ficar meio piteiro<sup>23</sup>. Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquite. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena. Admiro-me que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio dum amizade, dum amor, dum relação, dum paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros...»<sup>24</sup>

<sup>9</sup>Empelicado diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (Terceira)

<sup>10</sup>Leiva, designação dada a formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.

<sup>11</sup>Madorna, sono leve, sonolência, torpor

<sup>12</sup>Palhito, o mesmo que fósforo (Terceira)

<sup>13</sup>Caipora, de qualidade inferior, reles. Sorte caipora: que pouca sorte, sorte maldita (São Miguel)

<sup>14</sup>Caltraçada, confusão, mixórdia, trapalhada

<sup>15</sup>Vizinho do pé da porta, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (vizinho de ao pé da porta em São Miguel)

<sup>16</sup>Alfeiro, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)

<sup>17</sup>Arredouça, confusão, desordem

<sup>18</sup>Fiúzes (São Miguel) ou às fiúzas de, à custa de, viver à custa de outrem (Terceira)

<sup>19</sup>Ficar a nove, não entender nada do que ouviu.

<sup>20</sup>Atramoçar, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (São Miguel)

<sup>21</sup>Calzins, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas

<sup>22</sup>Abafado, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micaelense. O abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (São Miguel)

<sup>23</sup>Piteiro, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)

<sup>24</sup>Texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos, autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

É evidente que, salvo raras exceções, todos os pais amam profundamente os seus filhos. É algo tão visceralmente inato na natureza humana que não é necessário “esforçar-se” por amar os filhos e desejar o melhor para eles. No entanto, como tantas vezes presenciámos nos dias de hoje, parece que muitos pais não sabem amar os seus filhos de um modo correcto.

Dão aos filhos tudo aquilo que eles lhes pedem, confundindo amar com mimar. O seu coração pater-

## Assumir plenamente a missão educativa

nal diz-lhes que amar inclui não deixar que lhes falte absolutamente nada. No entanto, confundem o necessário com o supérfluo. O necessário não pode faltar. O supérfluo tem de faltar em muitas ocasiões. Se não, não há verdadeira e completa educação. Os filhos ficam caprichosos, mimados e nada preparados para a vida que os espera. Convém não esquecer que os filhos não nascem educados, nem se educam a si mesmos. É aos pais que, através de um amor genuíno, corresponde o dever de os educar. De os preparar para a vida, ensinando-os a usar bem a sua liberdade. Não se pode amar só com o coração. É preciso amar também com a cabeça, por muito estranha que pareça esta afirmação. Como diz

Pilar Guembe, os filhos necessitam de uns pais que os amem, que os protejam e cuidem, mas que também os eduquem e exijam. Não querem pais que deleguem essa responsabilidade na escola, no ambiente e muito menos na internet, mas que assumam plenamente a sua missão. Não querem pais moles, passivos, que dizem sempre que sim. Necessitam de pais exigentes, activos e optimistas, que estão dispostos a esforçar-se por ajudar os filhos a aprenderem a ser independentes, com critério, sabendo administrar bem a vida que lhes foi confiada.

Pais que preferem enganar-se alguma vez a renunciar à sua insubstituível missão educativa.